

AS DIMENSÕES DA FESTA DOS KARETAS DE JARDIM-CE

Suellen da Silva Ferreira¹
Océlio Teixeira de Souza²

RESUMO

Uma festa é mais que uma simples comemoração, ela representa a expressão de um povo, de uma sociedade. É um momento em que as pessoas se reúnem por um único objetivo, elas deixam de lado diferenças, para se empenharem na realização de um festejo em que, muitas vezes, já era realizado por seus familiares e por sua comunidade, há muito tempo. Além de ser um momento de divertimento, de extravasar as emoções, de extrapolar as regras, é também um momento de afirmação e reafirmação de valores, de costumes, de tradições. Pretendo neste trabalho analisar alguns aspectos que envolvem a Festa dos Karetas de Jardim- CE. Ela teve origem no século XIX, e ocorria inicialmente na zona rural. Realizada pelos agricultores, que se caracterizavam de forma peculiar e usavam máscaras feitas de materiais simples, e, além disso, confeccionavam um boneco que era malhado ao final do festejo. Com um tempo ela começou a ser também realizada na zona urbana da cidade. Dessa forma, busco compreendê-la como sendo um espaço repleto de aspectos diversificados. Faço, então, uma exposição de como acontece a Festa dos Karetas, por meio da apresentação do histórico dela articulado com a história da cidade que a realiza, Jardim – CE.

Palavras-chave: Festa; Karetas; Características.

INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa começou a ser desenvolvida por meio de leituras que tratavam de temas como cultura popular, festas e tradições, que foram temáticas que marcaram intensamente o decorrer na minha graduação. Por isso, me instigaram a aprofundar ainda mais os estudos sobre elas, além de que é um campo que vem sendo problematizado recentemente. Tudo isso me possibilitou a querer compreender melhor todas as dimensões que abarcam uma determinada festividade.

Então, para melhor falar deste festejo é interessante apresentar um pouco da história da própria cidade. A cidade de Jardim está localizada na região do Cariri, sul do estado do Ceará, distante a 542 km da capital, Fortaleza.

Jardim é uma cidade marcada por diversos acontecimentos históricos e políticos. A própria origem da cidade é dotada de controvérsias, pois não se sabe ao certo como ocorreram as primeiras povoações. São várias hipóteses que tentam explicar este momento. Elas apresentam desde quando as terras eram habitadas primitivamente até a hipótese que é a mais

¹ Graduanda da Universidade Regional do Cariri- URCA. E-mail: suellensilvaferreira@outlook.com

² Professor Adjunto da Universidade Regional do Cariri- URCA. E-mail: otssouza@hotmail.com

aceita entre os estudiosos, que diz que o primeiro povoador de Jardim foi padre João Bandeira, assim afirma João Brígido:

O primeiro imigrado, que veio acolher-se ao Jardim, perseguido da calamidade de 1792, foi o padre João Bandeira, homem inquieto e empreendedor, que fazia profissão de longas e perigosas viagens pelos sertões do Piauí e outros, muito afeito às lutas contra a natureza e contra os homens quase bárbaros dessa parte do Brasil, e com reputação de valente, que o fazia respeitado por toda parte. (Brígido, 2007, p. 56-57)

Então, aquele que primeiro impulsionou o desenvolvimento da região teria sido o padre João Bandeira, que desde sua chegada começou a realizar o plantio de cereais e, logo em seguida, construiu uma primeira casa. Segundo João Brígido:

A presença de um sacerdote atraiu para ali muitas outras pessoas, que construíram uma capela em frente à casa do padre Bandeira, no mesmo sítio, em que se elevou depois o templo inacabado, que serve de matriz. Em torno edificaram mais algumas casinhas, para residirem junto ao capelão; e eis a origem da povoação, hoje vila Jardim. (Brígido, 2007, p. 57).

Outro fato interessante ocorrido, também relatado por João Brígido (2007, p 58), foi quanto à emancipação de Jardim, que pretendia se tornar uma vila, e para isso deveria romper com a subordinação política do Crato. Esta situação levou a uma intensa rivalidade entre José Pereira Filgueiras e o sargento-mor José Alexandre Corrêa Arnaud, os dois intentavam exercer o cargo de capitão-mor da localidade.

E em 30 de agosto de 1814, Jardim se torna uma vila, que foi instalada dois anos depois, em 1816, mediante o Alvará concedido pelo príncipe regente D. João VI. A vila então se desmembra do Crato e passa a se chamar Vila de Santo Antônio de Jardim.

Em 1817, a vila de Jardim participa da revolução pernambucana. Leonel de Alencar, irmão de Bárbara de Alencar, aclamou em Jardim a República, considerando que neste momento o resto do país ainda vivia em regime monárquico. No entanto foi um movimento de pouca expressividade se comparado ao que ocorreu no Crato: “Ali o movimento foi bastante restrito e não teve nem de longe os arroubos que se fizeram perceber no momento da revolução na vila de Crato.” (Santana, 2001, p. 37).

Outro acontecimento trágico ocorre na cidade em 1824, mesma época da confederação do Equador, que foi a morte do padre Estevão José da Porciúncula, dentro da igreja durante a celebração da missa, além disso, seus restos mortais são esquartejados e expostos em via pública, pois acreditava que este padre fosse republicano e abolicionista.

Jardim também se envolveu numa outra rebelião liderada por Pinto Madeira. Pinto Madeira era um militar e monarquista convicto e que após a abdicação de D. Pedro I promove uma rebelião entre as vilas do Crato e de Jardim, que se estendeu entre os anos 1831 e 1832, ele tinha como aliado o padre Manuel de Sousa. A revolta ficou conhecida como a batalha dos cacetes bentos, pois o dito padre benzia os cacetes dos sertanejos que compunha o exercito deles, porque era a sua principal arma, mediante isso o padre ficou conhecido como “Padre benze cacetes”.

A história de Jardim é, portanto, marcada intensamente por movimentos políticos relevantes para a estruturação social jardimense. Mas não é somente nestes aspectos que a cidade se destaca. Ela também é constituída de diversos movimentos culturais, que se expressam mediante várias formas, seja através da religiosidade ou mesmos das festas promovidas pelo município ao longo de toda a sua história, como a Festa do Bom Jesus, a Festa de Santo Antonio, padroeiro da cidade, e a Festa do Karetas.

A Festa dos Karetas de Jardim é uma comemoração bastante tradicional da cidade. Ela é bem antiga, data por volta do final do século XIX. Inicialmente eram realizadas nas zonas rurais do município sempre na época do fim da colheita. Luis Lemos, organizador da Festa dos Karetas de Jardim, fala sobre a festa:

Como parte de um ritual, os agricultores confeccionavam um boneco de cabaça, madeira e melão, tal qual um espantalho a quem chamavam de “Pai Vêi” ou “Vosso Pai” que montado na sela de um animal e cortejado por um grupo de mascarados, com chocalhos atados a cintura e chicote nas mãos, percorriam pelos sítios e vilarejos pedindo donativos para o já conhecido “pai véi”, seguindo o ritual, penduravam o boneco numa árvore e ao seu redor formavam um improvisado sítio ornamentado de vários tipos de fruteiras e legumes representando a fartura daquele bom inverno.

Mediante a fala de Luís Lemos, podemos perceber que a Festa dos Karetas de Jardim, era inicialmente uma festa rural. Mary Dela Priori, fala sobre esta característica da festa:

Uma origem rural europeia comum embalou as festas coloniais. A periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de sementeira e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar a festa uma função comemorativa. (Priori, 1924, p. 13)

Mas, por volta dos anos de 1980, a festa começou a ser realizada na zona urbana da cidade, no entanto, passando por diversas modificações tanto na estrutura quanto na organização. O interessante é que mesmo com a realização dela na zona urbana, muitas comunidades rurais continuaram com a tradição, como no sítio Laginhas, sítio Boa Vista, e

outros. Mas, até então, não havia ainda uma organização oficial dela. Isso só irá ocorrer somente nos anos 90, com o surgimento da Associação Cultural dos Karetas de Jardim.

Percebendo este momento da criação da Associação como significante para a realização da festa, a devida pesquisa aborda os anos de 1990 até 2010.

As festas são objetos de estudo que são analisados dentro do campo da História Cultural. A História Cultural é definida pelo historiador José D'Assunção Barros como sendo o "... estudo da dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada." (Barros, 2008, p. 56). Ela é uma linha historiográfica nova, que vem sendo problematizada recentemente pelos historiadores, que data por volta do final do século XX. No entanto, ela possui uma vasta gama de possibilidades de estudo, como a cultura popular, que é a que mais se aproxima da conceituação de festa: ela é uma manifestação cultural-popular.

Portanto, como pretendo analisar as representações da Festa do Karetas de Jardim – CE busco interpretá-las tendo como base teórica os conceitos de práticas e representações elaborados pelo historiador francês Roger Chartier, importante estudioso desse novo campo historiográfico que é a História Cultural. Segundo ele:

...este horizonte teórico, a Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois pólos. Tanto os objetos culturais seriam produzidos "entre práticas e representações", como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos 'modos de fazer' e aos 'modos de ver'. (Chartier *apud* Barros, 2008, p. 76).

Diante das ideias apresentadas por este historiador, compreendo a cultura como sendo a maneira pela qual os seres humanos expressam as suas diversas formas de manifestações dos seus sentimentos, suas atitudes, ações, comportamento, seus modos de viver, pensar, imaginar, sonhar, agir, ou seja, todas as dimensões que abarcam o cotidiano da vida das pessoas.

A festa é, portanto, uma manifestação cultural, momento em que as pessoas se reúnem e extravasam seus sentimentos de alegria e felicidade. As pessoas deixam um pouco suas vidas rotineiras de lado e vão se divertir, beber, dançar, comer, namorar. A festa é também um espaço de sociabilidade. Como bem afirma o historiador Océlio Teixeira de Souza: "As festas fazem parte dessas ocasiões extraordinárias da vida. Constituem-se em momentos especiais, nos quais o tempo, o espaço e as relações sociais são recriadas e resgatadas." (Souza, 2000, p. 7).

Para dar embasamento a pesquisa realizada utilizo um tipo de fonte que vem sendo muito empregada nos últimos anos, que são as fontes orais. Para reforçar esta conceituação da história oral cito a historiadora Verena Alberti:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participam de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (Alberti, 2001, p. 155).

As fontes orais são abordadas com maior complexidade na realização do trabalho, no entanto, faço o cruzamento com outros tipos de fontes, como as impressas e as fotográficas, considerando que, há uma vasta quantidade de fotografias e jornais no museu da cidade.

Dessa forma, compreendo a Festa dos Karetas de Jardim como sendo esse espaço repleto de aspectos diversificados, dispostos a serem interpretados por este viés da História Cultural. Proponho-me a apresentar o que é, no sentido estreito do termo, uma festa dos Karetas e como ela acontece. Faço toda uma contextualização de todo o histórico da festa articulando com a história da cidade que a realiza, Jardim - CE. Ainda neste momento, busco analisar as várias dimensões que ela abarca, fazendo uma descrição problematizada dessa festa.

1. HISTÓRIA DE JARDIM: O LUGAR DA FESTA DOS KARETAS

A história de Jardim é repleta de fatos e acontecimentos que marcaram intensamente todo o seu desenvolvimento econômico, político, natural, social e cultural, que se refletem até os dias atuais. A região do cariri, onde se localiza a cidade, se diferencia das outras localidades do estado, por conta da natureza exuberante, do clima ameno e da grande quantidade de fontes de água, este fator vai ser preponderante no desenvolvimento da região.

A respeito do início da colonização, a historiadora Cláudia Leitão afirma:

Possivelmente o colonizador visitou pela primeira vez seu território ainda no final do século XVII; neste período a região era habitada pelos índios Xocós. Desde 1760 sabe-se da existência de registros de venda de terras na região: José Pinto Ramalho teria comprado terras da família dos Lobatos. Em 21 de agosto de 1782, chega a um de seus vales o sertanista padre João Bandeira, vindo de Pernambuco, que teria exclamado entusiasmado com a paisagem: “É um jardim!” (expressão legendária

responsável pelo nome futuro do município). Após ter descido o belo vale de águas perenes, construiu uma pequena capela de taipa a Nosso Senhor dos Aflitos, assim como as primeiras casas do vilarejo, conhecido como Povoado da Barra do Jardim. (Leitão, 1997, p. 193-194).

A chegada do padre João Bandeira, na localidade como sendo o primeiro a colonizar a região é hipótese mais aceita entre os estudiosos. Quando ele chega à localidade, começa a desenvolver práticas agrícolas e constrói a primeira casa, segundo o que afirma a estudiosa Delídia Romão Pinto (2002, p. 18): “Atraído pela paisagem e pelo clima ameno, o sertanista resolveu descansar da longa viagem. Descansar seria uma forma de dizer. Na verdade, o padre sem mais delongas iniciou a construção de uma casa de taipa para moradia.”.

Com a construção da capela, novas casas foram sendo construídas:

A presença de um sacerdote atraiu para allí muitas outras pessoas, que construíra uma capela em frente à casa do padre Bandeira, no mesmo sítio, em que se elevou depois o templo inacabado, que serve de matriz. Em torno edificaram mais algumas casinhas, para residirem junto ao capelão; e eis a origem da povoação, hoje villa Jardim. (Brígido, 2007, p. 57).

Portanto, a presença do padre na localidade foi fundamental para o desenvolvimento do povoado da futura vila do Jardim.

E então, a região foi se desenvolvendo gradativamente, e em 30 de agosto de 1814, que Jardim se torna uma vila, que foi instalada dois anos depois em 1816, mediante o Alvará concedido pelo príncipe regente D. João VI. A vila então se desmembra do Crato e passa a se chamar Vila de Santo Antônio de Jardim. Essa emancipação se deu através da intensa rivalidade entre João Pereira Figueiras, futuro capitão-mor do Crato e o sargento-mor José Alexandre Corrêa Arnaud, este último teria conseguido com o príncipe regente a criação do município com a sua nomeação de capitão-mor da dita vila, no entanto, ele falece em sua viagem de volta ao Rio de Janeiro, não chegando a tomar posse.

Esta forte rivalidade entre os dois é apresentada pela historiadora Nélcia Turbano de Santana: “as disputas entre as vilas de Crato e Jardim nasceram de uma rivalidade pessoal entre parentes, que se estendeu as suas famílias e posteriormente as populações das referidas vilas.” (Brígido *apud* Santana, 2001, p. 27).

A vila de Jardim também participou de movimentos políticos de destaque. Um dos mais importantes foi a revolução pernambucana em 1817, que foi um movimento expansionista, causado pela insatisfação dos pernambucanos com relação à nova configuração

do governo, que não os privilegiavam mais. A historiadora Cláudia Leitão fala sobre este momento:

Em 1817 a vila de Jardim partilha do movimento republicano de origem pernambucana. Leonel de Alencar, irmão da heroína Bárbara de Alencar do Crato, aclama ali efemeramente a República, enquanto o país ainda vivia ainda sob o poder imperial, e será perseguido por crime político. (Leitão, 1997, p. 194).

Cláudia Leitão (1997, p.194) também relata outro fato ocorrido que causa grande repercussão na vila neste mesmo ano, um crime que choca toda a vila jardinense. Enquanto celebrava uma missa, o padre Estevão José da Porciúncula é morto e tem seus restos mortais expostos em via pública, pois se acreditava que ele era republicano e abolicionista.

Outra revolta que foi também de forte repercussão na região foi a então conhecida como “Revolução do Pinto o Alferes Pinto Madeira sairá de Jardim com 3000 jagunços munidos de cacetes com o objetivo de proteger a Monarquia da República. Antes da partida, o padre Antonio Manuel de Sousa realizou missa e benzeu, um a um, cada cacete dos monarquistas, passando para a história do município como o “padre benze-cacetes”! (Leitão, 1997, p. 195).

Os relatos apresentados sobre como se desenvolveu a história de Jardim, serviram para mostrar a conjuntura da sociedade jardinense. Cláudia Leitão compreende a História de Jardim desta forma:

A história de Jardim é a história de suas famílias, de seus líderes políticos, de seus “coronéis”, de suas revoltas, de suas relações comunitárias “passionais”. A vila de Santo Antônio do Jardim é cenário, desde suas origens, de movimentos políticos (particularmente os 1817 1843e 1932), onde a “lei dos bacamartes” sempre desafiou o Direito, onde a violência entre as correntes políticas que sempre dividiu a cidade (muitas vezes, as próprias famílias) também não deixou de reuni-la. Jardim é uma típica cidade sertaneja: de um lado, ela exprime o eterno combate político entre as oligarquias locais, ou seja, a velha rivalidade entre os líderes políticos que se alternam no comando do município, de outro, observamos a presença de um rido manancial imaginal, que se exprime no cotidiano de seus habitantes. (Leitão, 1997, p. 196-197).

Apesar da predominância dos acontecimentos políticos, visto pelo viés da elite, os populares também realizam seus movimentos, geralmente religiosos, ou seja, mas de caráter comemorativo. E a Festa dos Karetas de Jardim, pode ser entendida como uma dessas manifestações, criadas ou recriados pelos populares ou agricultores das zonas rurais do município.

1.2 A FESTA DOS KARETAS DE JARDIM: SUAS VÁRIAS FACETAS

As festas foram incorporadas como objetos de estudos há pouco tempo atrás, e isso só veio a acontecer mediante a renovação temática pela qual passou a disciplina histórica, promovida com a atuação da Escola dos Annales. Sobre este momento, afirma José Carlos Reis:

Portanto, a grande renovação teórica propiciada pela reconstrução do tempo histórico pelos Annales foi a história-problema. Ela veio se opor ao caráter narrativo da história tradicional. Ela veio reconhecer a impossibilidade de se “narrar os fatos tal como se passaram”. Reconhece-se que não há história sem teoria. A pesquisa histórica é a verificação de respostas-hipótese possíveis a problemas postos no início. Nela, o historiador sabe que escolhe seus objetos no passado e os interroga a partir do presente. (Reis, 2000, p. 25).

Além de uma renovação temática, houve também ampliação das fontes que poderiam ser analisadas pelos pesquisadores: “Os Annales foram engenhosos para inventar, reinventar ou reciclar fontes históricas. Eles usavam escritos de todos os tipos; psicológicos, orais, estatísticos, plásticos, musicais, literários, poéticos, religiosos.” (Reis, 2000, p. 23). Com esse alargamento das fontes, os historiadores puderam também ampliar seus campos de estudo. Muitos foram os objetos estudados por eles, a pesquisadora Tânia Regina de Luca fala sobre este momento:

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. (Luca, 2011, p. 113).

Com a abrangência dos elementos analisados, percebe-se que essas abordagens se tornam mais humanas, mais voltadas para os aspectos mais comuns da vida dos sujeitos. Aspectos que antes não eram percebidos pelos estudiosos como significantes e que merecessem um estudo mais aprofundado.

Diante disso, seguindo os passos desses historiadores, também pretendo estudar um objeto que faz parte desse grande leque de novos componentes abordados pela historiografia renovada: uma festa.

Mas, o que é uma festa? Parece simples responder uma questão deste tipo, no entanto, ‘festa’ é um conceito dotado de significações complexas, que ultrapassam o limite do senso

comum. Para dar um embasamento mais aprofundado sobre a temática, faço jus às palavras da historiadora Marina de Mello e Souza, ela afirma, então, que:

As festas são caracterizadas pela regularidade temporal com que acontecem, pelo sentido de renovação que trazem, pela exaltação que provocam, sendo ocasião de excessos e esbanjamentos, onde a dança, a música, a comida e a bebida são elementos sempre presentes (Souza, 1992, p. 26).

Segundo ela, então, as festas são comemorações realizadas sempre nas mesmas datas, ou seja, possuem caráter cíclico, e que trazem às pessoas uma sensação maior de liberdade e felicidade. Elas comem, bebem e dançam além da conta, extravasam suas emoções. Mas, além disso, procuro compreender a Festa dos Karetas, sob o viés de que ela seja mais do que uma simples comemoração, mas sim como um momento em que as pessoas mostram suas verdadeiras identidades. Durante o dia a dia, as pessoas agem de uma maneira, no entanto, durante um festejo, elas se valem de atitudes diferenciadas daquelas ações cotidianas.

E com a Festa dos Karetas de Jardim, não é diferente, afinal, é uma festa cíclica. A festa urbana ocorre sempre na semana santa, momento de extrema religiosidade cristã, porém isso não prejudica o festejo de forma alguma, afinal, a festa possui características um tanto quanto ‘religiosas’.

O inusitado é que a festa começa antes mesmo da data prevista. Os moradores da cidade já sabem que ao entrar o mês de abril já circulam pelas ruas diversos grupos de karetas. Muitos deles composto por crianças, que ficam andando pela cidade, balançando de seus chocalhos e deixando a cidade com um aspecto mais agitado e descontraído.

Percebe-se então, que a Festa dos Karetas de Jardim - CE está imbuída de diversas características peculiares que são adquiridas ao longo do tempo em que ela existe.

1.3 A FESTA É ‘RELIGIOSA’?

Inicialmente as pessoas se mascaravam para cultuar os deuses, pedir que suas colheitas fossem boas: “Os cultos agrários foram a origem das festas populares. Com danças e cânticos em torno de fogueiras, logo incorporando máscaras e adereços, os festejos eram dedicados aos deuses para a proteção do planto e da colheita.”(Murray, 2008, p. 95-96).

Nas sociedades antigas eram comuns esses cultos aos deuses da fertilidade, fecundidade ou protetores da terra. Era uma forma das pessoas entrarem em contato com seu mundo místico, pedir ou agradecer as boas realizações em suas vidas.

Sobre as origens da Festa dos Karetas a pesquisadora Delídia Romão Pinto afirma: “Inicialmente a festa era realizada na zona rural e constituía- se uma comemoração pelo término da colheita.” (Pinto, 2002, p. 31).

Percebi, portanto, que há intensas semelhanças entre essas cerimônias sagrado-religiosas e a essência da festa rural dos karetas. Por que tanto uma quanto a outra ocorriam na época das colheitas.

No entanto, quando a festa começa a ser realizada na zona urbana da cidade ela perde essa finalidade de comemorar o fim da colheita, porém, novas características vão sendo adquiridas, sendo até algumas delas com essência fundamentada numa religiosidade.

Um fato interessante é que, ao vir para a cidade, aquele boneco, antigamente chamado de “Pai Véi”, passa a ser o Judas, personagem bíblico. Ou seja, mais uma característica religiosa da festa.

Este personagem, o Judas pode ser entendido como uma imagem que vai ter uma conotação dotada de significações. Segundo Cláudia Leitão (1997, p. 234) as pessoas se utilizam das imagens religiosas para se reunir ou festejar, e que a própria Festa dos Karetas é um espetáculo de imagens. Ela continua falando do sentido que possui o Judas: “Judas na festa dos caretas é menos uma imagem que pertence à comunidade católica que um instrumento fundador de uma nova comunidade: a comunidade dos caretas.”.

Ainda segundo Cláudia Leitão,

...o Judas resgatará o sentido primordial da palavra religião (*religare*. O que liga a algo ou a alguém), pois através dele pessoas se reunirão e formarão uma comunidade, desafiando o tempo e a morte, celebrando o interdito, vivendo festivamente novos papeis e exercendo novas teatralidades, em suma, “carnavalizando” o mundo... (Leitão, 1997, p. 234).

O Judas tem, portanto, uma finalidade de grande importância no contexto da festa, pois ele é o formador dessa nova comunidade, e mais, é o símbolo desta comunidade. E diante disso, ele se torna também um instrumento de comunicação e linguagem destas pessoas da comunidade. Cláudia Leitão (1997, p. 234 - 235) afirma também que através do compartilhamento dessas imagens ou objetos imagéticos e que se desenvolvem as novas sociabilidades. As festas do sertão possuem então, essa peculiaridade “do renascimento ideal comunitário através de imagens, elementos aglutinadores e capazes de resgatar nosso encantamento diante do mundo”.

Ao se apropriarem da imagem do Judas, os habitantes de Jardim também se mascararam durante a festa e incorporam novos papéis novos personagens, novas pessoas, diferentes das que elas são cotidianamente, e quando a festa termina elas tiram as máscaras e voltam a ser o que eram antes do festejo:

Durante o período da festa dos caretas, por exemplo, uma parte dos habitantes de Jardim se mascara, abandonando seus papéis sociais a que está vinculada antes e depois da festa. Durante a festa, estes indivíduos, assumem através de suas máscaras novos papéis em sua comunidade. (Leitão, 1997, p. 235).

Entretanto, essa religiosidade não significa dizer que a festa acontece em consonância com a igreja, pelo contrário, durante muito tempo os caretas não podiam passar nem em frente da Igreja, É uma religiosidade voltada para a profanidade.

Então, diante disso, compreendo que a festa dos caretas de Jardim possui características religiosas, não uma religiosidade que a defina como uma festa da Igreja, mas uma festa em que sagrado e profano se interligam para a concretização da mesma.

1.4 O CARNAVAL DOS KARETAS

Outro aspecto interessante da festa é que ela se muito assemelha a um carnaval. Fator que é evidenciado pela pesquisadora Cláudia Sousa Leitão: “A festa dos Karetas e sua respectiva queimação do Judas é, portanto uma espécie de carnaval, em que o espetáculo de imagens de origem religiosa há muito se libertou de qualquer moralidade católica, ganhando vida própria.” (Leitão, 1997, p. 234).

Essa foi uma característica adquirida com a realização da festa na zona urbana. Gradativamente a festa foi se tornando um espetáculo, onde há um consumo intenso de bebidas alcoólicas, até mesmo entre os próprios caretas.

A festa vai aos poucos sendo carnalizada, e, portanto se tornando um evento turístico, a fim de atrair turistas para a região. É notória a grande quantidade de pessoas de fora da cidade que vão prestigiar a festividade.

Com a criação da Associação Cultural do Karetas de Jardim, esse processo de carnalização de intensifica:

As festas populares no Nordeste do Cariri, a partir da década de 1980 passaram a receber investimento público, com isso a interferência dos grupos políticos aumentou, descaracterizando e carnalizando essas festas. Isso se deu com a festa

de Santo Antônio em Barbalha e até mesmo com as romarias de Juazeiro do Norte. As festas se tornaram

Essa participação ativa do poder público foi preponderante para essa carnavalização da festa, porque ela se torna um evento oficializado e que tinha então, como função promover a propagação da imagem da cidade para fora dela. Além da ajuda financeira dos órgãos públicos, ela também recebe patrocínios de estabelecimentos comerciais, com o intuito de durante a realização da festa, serem realizadas propagandas destes estabelecimentos.

É interessante também salientar sobre a importância da atuação da Associação Cultural da Festa dos Karetas de Jardim – CE. Ela foi criada em 08 de agosto de 1994. Suas principais finalidades eram de organizar os grupos de karetas. Cláudia Leitão fala sobre ela: “A existência de uma comissão organizadora da festa, constituída pelos membros Associação dos caretas, e exemplo no que se refere ao processo e espetacularização dos movimentos populares sertanejos.” (Leitão, 1997, 250)

É a Associação que promove essa espetacularização da festa, para que ela se torne um evento turístico, a fim de que, se perpetue e propague a imagem de uma cidade que preserva suas tradições seus costumes, para que ela seja bem vista pelas outras cidades e regiões.

As festas são, portanto, repletas de características diversas, que vão sendo adquiridas ou renovadas com o passar dos tempos. Elas são permeadas por todas essas dimensões; religiosa, brincadeira ou carnaval, porque os seres humanos possuem todos esses aspectos, e a festa como sendo uma produção humana está sujeita a todos eles.

Portanto, vendo por esta perspectiva, compreendo que a Festa dos Karetas de Jardim é uma representação da cultura popular, visto que, ela acontece todos os anos de uma maneira diferente. A essência da festividade é a mesma, no entanto, há a participação de diferentes pessoas, há temas diferentes todos os anos. O foco, todo ano, se modifica, ou seja, toda realização anual da festa é uma reprodução das festas anteriores. Até porque, para se manter uma tradição é impossível que não haja modificações. Tradição e modernidade são dois conceitos interligados quanto se trata de das festas populares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, Verena. **A história dentro da história**, in **Fontes Históricas**. São Paulo, Ed. Contexto, 2011.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 13^a Ed. Brasiliense, 1988.

- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2010.
- BRÍGIDO, João. **Apontamentos para a História do Cariri**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2007.
- LEITÃO, Cláudia Sousa. **Por uma Ética da Estética: Uma reflexão acerca da “Ética Armorial” Nordestina**. Fortaleza, UECE/1997.
- LUCA, Tânia Regina de. **Fontes Impressas – história dos, nos e por meio dos periódicos**. In. Fontes Históricas. São Paulo. 2011.
- MURRAY, Charles. **As festas populares como objeto de memória**. In. SILVA, René Marc da Costa (Org.). *Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro*. Brasília, 2008.
- PINTO, Delídia Romão. **Entre a alegria e o pesar: A Festa dos Karetas de Jardim – CE**. Crato (CE): Universidade Regional do Cariri, 2002. Monografia (Especialização em História do Brasil).
- PRIORI, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo, Brasiliense. 1994.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Passado Presente: Cotidiano e festas religiosas em Parati**. PUC – RJ. Dissertação.
- SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio de Barbalha (CE): Entre o controle e a autonomia (1928- 1998)**. UFC/UFRJ, 2000. Dissertação (Mestrado em História Social.).